



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Milanez, Nilton

Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, núm. 2, 2009, pp. 215-222
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426642011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso

Nilton Milanez

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem-Querer, Km 4, 45083-900, Bairro Universitário, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Email: niltonmilanez@hotmail.com

RESUMO. Neste trabalho busco compreender o corpo e a constituição de suas identidades, particularmente, no interior do arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha Francesa, desenvolvida no Brasil, a partir dos postulados de Michel Foucault. Para tanto, apresento como *corpora* três vídeos do *youtube*, que servem como materialidades para se pensar a relação entre sujeitos, no que se refere ao lugar que o corpo ocupa como objeto discursivo. Dessa forma, trato do sujeito e suas práticas higieneizantes, destacando três tipos de relações do sujeito com seu corpo: primeiro, aspectos que compõem a dominação dos corpos; segundo, o corpo utilizado como forma de controle dos desejos e paixões; o terceiro, o corpo como lugares de resistência e produção de liberdade. Por fim, o corpo é abordado em suas relações de poder entre sujeitos, produzindo identidades por meio da mídia.

Palavras-chave: corpo, discurso, sujeito, higiene, identidade.

ABSTRACT. *Smelly body, pleasing body: subject corporal units within discourse.*

In this work I seek to comprehend the body and its identity constitution, particularly within the theoretical postulates of the French Discourse Analysis, developed in Brazil, from the studies of Michel Foucault. Then, I present three videos posted on Youtube as the *corpora*, which serve as materialities in order to discuss the relation among subjects, concerning the place the body takes as a discursive object. Thus, I focus on the subject and its practices of hygiene, highlighting three kinds of subject relations and their bodies: first, some aspects that compose the domination of bodies; second, the body used as a way of desire and passion control; third, the body as places of resistance and liberty production. Finally, the body is studied according to its relation of power among subjects, producing identities through the media.

Key words: body, discourse, subject, hygiene, identity.

Introdução

O corpo discursivo

Para iniciar, gostaria de colocar alguns elementos que surgem aqui e acolá quando falamos de corpo no interior da Análise do Discurso, aqui, no Brasil, pelo menos da maneira como o compreendo, a partir dos postulados de Michel Foucault e dos trabalhos de Jean-Jacques Courtine. Uma das primeiras coisas que precisam ficar claras é que o corpo considerado como unidade discursiva não é o corpo que fala, que trabalha, que vive. Não é tampouco o mesmo corpo que pratica esportes, que se deixa ver nas fotos de família, que se deita no sofá. Não é, pois, o corpo que vive as práticas diárias e corriqueiras, autômatas ou refletidas como andar, transar, comer, dormir ou ler. O corpo com suas funções biológicas, que exerce suas práticas sócio-históricas do cotidiano não é ainda o corpo do discurso.

Para estarmos diante de um corpo discursivo não

basta nos depararmos com práticas do fazer do nosso dia-a-dia. Precisamos focalizar a existência material desse objeto que denominamos corpo, em consonância com suas formas e carnes por meio da representação sob a qual o identificamos. Para tanto, precisamos considerar esse corpo do qual falamos, colocando em evidência a sua existência histórica, o seu *status* material, reafirmando o questionamento foucaultiano “quem fala?” (FOUCAULT, 2000a, p. 57) no momento de olharmos para nossos invólucros corporais. Ainda, será preciso olhar de perto o lugar no qual esse corpo se insere, a data que ele marca, enfim, estabelecer os limites que fazem com que ele apareça ali naquele momento, naquele lugar e não em outro.

Se assim considerarmos o que inicialmente identificamos como corpo, poderemos compreendê-lo não somente como uma simples prática corporal e objetivante, mas como prática discursiva. Foucault (2000a, p. 136) define prática discursiva como “um

conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”, o que faz com que o corpo, entendido agora como enunciado, surja em sua materialidade, emergindo em redes, possibilitando deslocamentos e modificações, que criam novos campos de saber e delineiam certo tipo de sujeito do conhecimento.

Ao observarmos tais mecanismos que constroem o corpo como discurso, destacando sua existência material, teremos, antes de mais nada, a pergunta: que tipo de conhecimento vai produzir o corpo no discurso? Quais práticas discursivas entrelaçam essa materialidade corpóreo-discursiva? Que artes do existir essa prática corporal discursiva coloca em evidência? Quais materialidades e jogos podem constituir uma identidade no discurso?

Postos tais questionamentos, quero deixar claro que me proponho a pensar brevemente sobre os deslocamentos de práticas de si do sujeito, considerando suas vidas em três diferentes momentos: a infância, a juventude e a velhice, porém não para repartir a vida em fases, antes para compreender práticas de governo dos sujeitos, que não se reduzem ao lugar de marcas temporais. Portanto, discutirei esses momentos, considerados fases da vida, muito mais como atitudes diante dela, independentemente de idade cronológica, na medida em que aponta práticas de si que falam de sujeitos controlados, sujeitos que governam a si e sujeitos que cuidam de si e dos outros.

Corpo discursivo e práticas higienizantes

Colocadas tais premissas, quero me dedicar, então, à espessura material de três vídeos que facilmente se encontram no *youtube*. O primeiro (I), é a reprodução de parte do programa educativo *Castelo Rá-Tim-Bum* (2008), veiculado na TV Cultura, momento em que crianças lavam as mãos sob o refrão musical ‘Uma mão lava a outra’, com voz e autoria de Arnaldo Antunes; o segundo (II), é uma propaganda da Bombril (MON BIJOUX..., 2008), particularmente conhecida, porque traz o galã global Reinaldo Gianechini ao lado do garoto da Bombril; o terceiro (III), uma propaganda de cerveja Argentina, cuja marca é Isenbeck (SABEDORIA..., 2008), na qual assistimos a homens que deixam um campo de futebol e vão para o banho no vestiário. Sei bem que para uma análise enunciativa, como nos explicou Foucault (2000a), deve-se considerar também o suporte material que o tempo e o lugar da

enunciação utilizam, porém não me coloco como objetivo a discussão da materialidade do vídeo como suporte, pois, para mim, antes do formato de vídeo que ocupam os enunciados no *youtube*, tomo o corpo como suporte primeiro na recepção e produção dos ecos de nossa cultura.

Inicialmente, temos, portanto, ao agrupar esses três vídeos, uma série de enunciados que pertencem a campos diferentes, mas que, certamente, estão obedecendo a regras de funcionamento comum e produzem cisões historicamente determinadas, isto é, segundo Revel (2005, p. 37), criando, “uma função normativa e reguladora [que] coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias, de práticas”. Quero dizer que, dessa maneira, descreverei e analisarei o corpo no interior de práticas discursivas higienizantes, elemento regularizador entre os objetos selecionados, que indicam não somente o nosso comportamento no processo de civilização, mas também certo tipo de conhecimento que se produziu historicamente ao longo dos séculos. Tais lugares apresentarão as marcas e indícios do que consideramos um ‘corpo cheiroso’ e as relações que ele engendra ao lançar-se nos processos que envolvem o bem-estar dos corpos, abrangendo o controle na saúde dos corpos e suas extensões no campo de uma erótica do sujeito, aquilo que chamaria de ‘corpo gostoso’, retomando a referenciação de memórias de enunciações em nossa língua.

Por meio da construção histórica da higiene, vamos ver emergir a questão da identidade tanto dos enunciados selecionados como a de certo sujeito, que reinventou suas práticas de como estar limpo, em um jogo de contraposições, entre o que seria estar sujo. Minha trajetória, então, levar-me-á a mergulhar nas águas do campo discursivo da limpeza. Assim, primeiro, vamos precisar compreender as normas de higiene como formas de controle corporais que produzem um determinado saber para, depois, investigar o sujeito e suas novas identidades nesse afluente de relações.

O corpo como identidade no discurso

Começamos com a observação das imagens veiculadas no programa *Castelo Rá-Tim-Bum*. Ao assistir à sequência de imagens que evidenciam inúmeras crianças lavando as mãos, acredito que seria necessário pensar esse domínio de imagens a partir dos traços que o identifiquem no espaço e que o individualizem no tempo, ou seja, repetindo Foucault (2000a, p. 29), busco as unidades desse discurso, investigando “segundo que leis elas se formam”. Há uma imposição das imagens por meio

da repetição dos *clozes* nas mãos - fio regular de toda a sequência, unidade consistente que se repete a cada segundo - protagonista incansável que mantém sua visibilidade até o final das imagens. Essa repetição e essa insistência sobre as mãos começam a produzir certos conhecimentos acerca do corpo e seu intrincamento no discurso.

Por que olhar, então, para as mãos e não para outra parte do corpo? “Por que esta enumeração e não outra?”, perguntaria Foucault (2000a, p. 49), fazendo ecoar a voz de Nietzsche (2003, p. 45): “Por que não Heráclito? Ou Fílon? Ou Bacon? Ou Descartes? – e assim por diante, arbitrariamente”. Talvez a resposta não exija um porquê, mas a elaboração de um percurso que faça emergir um enunciado em detrimento de outro, imprimindo singularidade a um acontecimento pelo fato de excluir tantos outros. Tal movimento acaba por construir a identidade do enunciado que se constrói discursivamente por meio dos enunciados com os quais se relaciona ou não. Portanto, “a identidade de um enunciado está submetida a um segundo conjunto de condições e de limites” (FOUCAULT, 2000a, p. 119).

À primeira vista, talvez, também, pareça imperioso convocar certos discursos que o enunciado ‘Uma mão lava a outra’ - refrão da música - fazem emergir, como aquele calcado no discurso da solidariedade, se compreendido como o auxílio de um trabalho em grupo no enlace das mãos ou, ainda, o discurso religioso retomado por meio da memória discursiva que nos remete ao lavar as mãos de Pilatos, como bem podemos ler na bíblia: “Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso” (Bíblia, Mt. 27:24). Mas o foco primeiro de minhas inquietações é justamente a compreensão das condições de existência das mãos nesse padrão de limpeza.

Vejo que, no vídeo analisado, se abre um campo corporal discursivo que traz uma das partes do corpo que se limita às partes visíveis da pele, enfatizando a exposição de extremidades corporais, ao destacar a posição do sujeito em práticas cotidianas como o aperto de mão, o segurar a caneta, o entregar um papel, o oferecer um copo d’água, o segurar um cigarro. Não gostaria de incitar as mãos como um fetiche, mas ressaltar a função que ao mesmo tempo explica e restringe gestos que unem o sujeito à sua posição, como a mão que coloca a coroa na cabeça do rei e para, finalizar, as mãos que trocam alianças em casamento. Esses são exemplos de alguns lugares corporais discursivos que nos dizem que a mão ou, mais precisamente, até o borrão do dedão sobre o

papel, são marcas identitárias construídas discursivamente na relação do sujeito frente às posições que assume.

Nessa esteira rolante, as mãos se tornam traços que embasam a morfologia de uma identidade corporal determinada por apagamentos. Se voltarmos à materialidade da língua da música *Uma mão lava a outra*, sem grande esforço de memória, como num jogo de adivinhação, completaríamos o provérbio com ‘e as duas juntas lavam o rosto’. Portanto, o refrão traz o apagamento da marca primeira de identidade do sujeito que foi ao longo do tempo marcado pelo seu rosto, responsável por medir sua periculosidade, seus comportamentos, seu *status* social. É o rosto que faz “reconhecer de imediato uma identidade, distinguir os indícios que autenticam uma pessoa, indicar sem erro ‘quem é quem’, uma vez apagado os nomes e os primeiros aspectos” (COURTINE; VIGARELLO, 2006, p. 341-342).

Ao meu ver, o fato de se bater na mesma tecla, mostrando as mãos, é o resultado de um esquadramento do corpo que serve ao exame para entender o sujeito diante do qual nos colocamos hoje. Essa “semiologia da marca” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 59) aponta para uma separação do corpo que tende a apagar a identidade dos rostos, desidentificando o sujeito de suas paixões, esquivando-o de seus lugares políticos e sociais, tornando-o um anônimo na multidão, protegendo a privacidade em um mundo no qual a visibilidade é a palavra de ordem. Para Courtine e Vigarello (2006, p. 341), “A sociedade democrática apaga os indícios físicos tradicionais, embaralha os velhos códigos da sociedade de ordem, banaliza a postura, mascara as hierarquias.”, ajudando, assim, a camuflar as identidades no espaço público, cuja identidade visa à busca de uma não-identidade. Seria por que somos tantos e outros ao mesmo tempo?

Vontades de dominação sobre o corpo

Mas qual seria, pergunto novamente, a lei que estaria regendo essa arte da conveniência social centrada nessa construção higieneizante das mãos? Seguindo a pista foucaultiana, ao olhar para meu objeto de estudo, parece que o projeto de recordação intermitente das mãos precede ao próprio código de nossa sociedade, que faz circular regras ensinadas desde as primeiras disciplinarizações na cartilha e na carteira da escola: lavar as mãos antes das refeições, depois de ir ao banheiro, depois de manusear dinheiro etc. Lanço-me, então, a observar essa produção discursiva do lado do campo pedagógico com a finalidade de compreender a construção de formas de proteção do corpo, que aplica receitas e

terapêuticas, cujo objetivo abraça a vigilância e o controle. Aí está um tipo específico de discurso pedagógico que traz técnicas de gerenciamento do sujeito, sob a máscara da direção e dos mestres da propagação de uma mídia escolar.

A produção de um jogo imagético como temos em *Uma mão lava a outra* incita-nos a pensar que a escola, sob a direção dos mestres da mídia escolar, toma para si o lugar do sujeito, ocupando-se dele e governando-o, ocupando o espaço deixado em aberto pela família. Esse emaranhado de lugares que se cruzam coloca o corpo em um ringue no qual lutam filhos e pais, alunos e suas instâncias de controle. A construção desse discurso pedagógico que nos ensina como protegermos nosso corpo, eliminando tudo o que considera sujeira, como vermes, bactérias, colorações, fuligem, pó, graxa, manchas de pele, arrasta-nos a outras margens, trazendo-nos para o lado do discurso científico, que se dá a ver sob o brasão de práticas educativas.

Emerge, dessa maneira, uma genealogia de condições impostas por um controle sobre a vida, sob as luzes de um conceito que engloba a proteção dos corpos contra infecções e enfermidades. Se observarmos a materialidade linguística da música que acompanha o vídeo, dar-nos-emos conta da criação de um universo do 'mal', representado pelos pequenos monstros invisíveis e visíveis que trazem a doença e que precisam ser eliminados. A letra da música de Antunes diz: "A doença vai embora junto com a sujeira / Verme, bactéria, mando embora embaixo da torneira/ Água uma, água outra". Dê-se, ainda atenção ao elemento 'água' que, hoje, para nós símbolo de limpeza, já foi olhado como propagação da peste, ao abrir os poros por meio do banho, levando a doença para dentro do corpo (VIGARELLO, 1985); uma construção histórica acerca da limpeza que vai ao longo dos tempos se deslocando até inverter-se totalmente. Essa materialidade, assim, nos afirma que o corpo tem seus limites históricos e que sua aparência pode revelar mecanismos que pertencem a um terreno biossocial.

Portanto, a mídia instaura uma forma de controle pedagógico sobre o homem e a população, evocando sinais científicos de uma identidade construída sobre um biopoder que se dissemina sob as imagens e canções do mundo infantil. Enfim, um conjunto de enunciados que conduzem "ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio" (FOUCAULT, 1985, p. 146).

A lei desse discurso mostra ao mesmo tempo um controle dos sujeitos pelo Estado e uma promoção

do cuidado do sujeito consigo próprio. Duas correntes, então, se entrelaçam: o governo do outro, de um lado, e o governo de si, do outro. Poderíamos compreender tal viés à luz do pensamento foucaultiano, trazendo uma "Necessidade de ocupar-se consigo mesmo na medida em que se há de governar os outros" (FOUCAULT, 2004, p. 56). Dessa maneira, estabelece-se uma regra que está associada a certo cuidado de si, tomado pelo sujeito como uma coerção das disciplinas constituintes de sua identidade por meio da prova e do exame sobre corpos que precisam ser e continuar sendo úteis nas sociedades, cumprindo o seu papel dócil, eficazmente, no seio de regras coletivas. Configura-se, assim, uma dupla governamentalidade que trará consigo a elaboração de uma erótica do sujeito, como veremos a seguir.

Entre o íntimo e o social

Acredito que tenha ficado claro que o corpo é investido por domínios de poder e de saber, ou seja, ter o seu corpo dominado por preceitos institucionais ou dominar seu corpo, imprimindo-lhes marcas singulares, é incluir-se como sujeito. Vivemos, portanto, um corpo que se adapta às moralidades de nosso tempo, necessidades que vêm por meio de técnicas impostas pela sociedade no quadro das resistências empenhadas pelos sujeitos. Isso me faz repetir mais uma pergunta de Foucault (1985, p. 148), "De que corpo necessita a sociedade atual?" Poderia dizer que o corpo do qual necessitamos é aquele corpo que foge às disciplinas para viver seus prazeres e paixões. No entanto, também sabemos que não podemos dizer qualquer coisa em qualquer lugar, que não podemos fazer tudo o que queremos sem seguir os rituais dos lugares e das relações entre os sujeitos.

Somos, portanto, sujeitos entre sins e não-s. A sequência de imagens faz contracenar com os autores um leque de produtos de limpeza dispostos sobre um balcão. Ao observarmos os produtos sobre o balcão na frente do garoto propaganda da *Bombril* e da celebridade representada na figura de Reinaldo Giannechini, constatamos a atenção que é dada à limpeza no que concerne tanto ao olhar quanto ao cheiro. A limpeza, diferentemente do vídeo anterior, não se liga à pele, mas, aqui, ela se refere às toalhas, às roupas, isto é, aos elementos que cobrem o corpo. Isso amplia o leque de sensações corporais desenvolvidas no processo de civilização, que insiste não somente na pureza do corpo, mas também no pudor do linho que a cobre. A história que temos agora é a história da limpeza e do comportamento, restituindo um novo itinerário para pensarmos o lugar do sujeito e sua identidade.

Constitui-se, assim, “uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições” (FOUCAULT, 2004, p. 50). Por um lado, temos a regra: ‘seja limpo e cheiroso’, estabelecida por disciplinas de conveniência social aplicadas a instituições como a mídia e a clínica. Por outro, ao aceitarmos essa regra nos vinculamos a uma disciplina normalizadora, mas também começamos a nos posicionar como o sujeito que se ocupa consigo mesmo na relação interindividual com as trocas do dia-a-dia.

Sem negar a necessidade que o rigor dos costumes tem em nossas vidas, passamos a exercitar uma arte, a arte da existência de nós mesmos, tendo cuidados conosco, aplicando-nos a nós próprios. Agora não estamos somente servindo às normatizações pedagógico-midiáticas às quais as crianças foram submetidas no vídeo anterior, estamos buscando o governo de nós mesmos e, parafraseando Foucault (1985), ainda enquanto somos jovens. A juventude marcada pela presença de Reinaldo Gianechini, que reforça o imaginário do corpo jovem, belo, vigoroso, é a vigilância exata que se solicita do sujeito. Não temos, aqui, uma mera gestão do controle da vida: a juventude se apresenta como sinal de eternidade ao lado de seu par, a efemeridade (MILANEZ, 2004).

Essa atitude e essa forma de se comportar desenvolveram-se em procedimentos, práticas e prescrições que refletem a constituição da saúde, imbricando o discurso estético e produzindo um tipo de conhecimento que caminha em direção à elaboração de um saber sobre o corpo, que o compreende sob dois aspectos: um, a compulsoriedade de um rito de purificação à qual o sujeito deve se submeter no que tange diretamente à sua pele e ao envelope que o veste; outro, a mobilidade social do corpo que faz ventilar ares de liberdade face às práticas sociais. Vislumbro, pois, que o cuidado de si para si é um forte trabalho entre o íntimo do sujeito e seu lugar social.

Controle dos desejos

Nessa propaganda da *Bombril*, o tipo de prática discursiva que emerge do enunciado visual e sonoro introduz mudanças de posições em relação ao discurso da limpeza. Volto meu olhar agora para a materialidade linguística do vídeo. Seus personagens cantam o refrão ‘Me aperta, me cheira, me chama de Mon Bijoux’. Procuro compreender qual é o tipo de organização desse enunciado, ao seguir os indícios deixados por Foucault (1985, p. 41), escavando “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas,

decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”, ou seja, demarcações possíveis para um enunciado compreendido sob a ótica da noção de dispositivo.

‘Apertar, cheirar e chamar de’ constroem a formação de um campo que ultrapassa os limites da higiene doméstica, atribuindo um valor e uma significação que deslizam das roupas para o corpo, narrando possibilidades nas relações amorosas entre os indivíduos, regulamentando um lugar para o sexo, abrindo a porta da intimidade e dos desejos do sujeito, atrelada a objetos de desejo que nos remetem a ecos de nossa cultura visual, alavancando imagens que fazem parte de nosso arquivo coletivo, “imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual armazenadas pelo indivíduo” (COURTINE apud MILANEZ, 2006, p. 168).

Portanto, essas imagens do vídeo que traz Gianechini fazem surgir outras imagens sobre ele que colocam em evidência o corpo. Esse tipo de mecanismo pode ser compreendido por meio da noção de intericonicidade de Jean-Jacques Courtine (apud MILANEZ, 2006), que coloca em destaque a iconicidade como um dispositivo em rede, ancorando-se em um arquivo de imagens constituídas tanto pelas memórias das imagens externas aos indivíduos quanto pelas suas memórias internas. A problematização recente dessa noção propicia discussões sobre a memória das imagens e sua produção e recepção por nossos corpos como suportes e intérpretes das imagens que fundamentam nossas identidades. Para tanto, basta dar busca em um arquivo de imagens na *internet* para nos depararmos com inúmeras imagens de Gianechini, sentado ou deitado em poses sensuais, de camiseta ou envolto por toalhas de banho, de sunga, de cueca, seminu coberto por um lençol, entre outras coisas, um arsenal erótico de imagens para mobilizar e agenciar desejos sobre produtos comerciais diversos.

E o que a emergência desse discurso pode revelar? Vivemos numa sociedade que, ao contrário de camuflar ou mascarar os discursos sobre a sexualidade, precisa falar deles, divulgá-los, espalhá-los e incitá-los. A sexualidade é uma criação cultural que entende o triângulo corpo-sexo-prazer como um conjunto de enunciados que administram domínios de conhecimento que fazem com que nos reconheçamos como sujeitos de uma sexualidade (FOUCAULT, 2001a, p. 338). Apresentar-se como sujeito nessa posição implica articular sistemas de regras que coagem nosso modo de vida. O corpo, assim, é o elemento que nos permite criar discursos que falam de nossas necessidades, expondo nossos

desejos e emoções. O controle, nesse caso, não será soberano, pois trará a possibilidade do indivíduo voltar-se para si e praticar-se como sujeito, dando margem para um pequeno exercício de liberdade, multiplicando o sexo como história, como significação e, também, como certo tipo de identidade clivado pelo social e pelo histórico.

Vigores do corpo físico e moral

Quando o corpo entra em um jogo de relações, como vimos, ele pode estar assujeitado a um saber, passando a ser governado. Pode ser controlado mediante um tipo de governo do sujeito que lhe dirige, mas que apresenta fissuras nas quais o sujeito pode se movimentar. Vamos ver agora de que maneira o corpo pode não somente resistir, mas ocupar uma posição libertária. Basta retomarmos os acontecimentos produzidos em maio de 68, no que se refere ao lugar conquistado pelas mulheres, pelos *gays* e lésbicas, pelo 'paz e amor' em Woodstock, ou pela firmação das individualidades por meio do *I am what I am* cantado nas 'discotecas' nos anos 1970 (MILANEZ, 2007). Nada mais que formas particulares de resistência, que ampliam um espaço privado que era tido como interdito às esferas do espaço público.

Entendamos, é claro, que resistência não significa apenas dizer não, pois se trata de um processo transformador do qual o sujeito, por meio de seus deslocamentos de posição, pode criar e recriar as situações nas quais está envolvido, reconfigurando as estratégias de poder das quais compartilha. Compreendamos, ainda, liberdade, como um tipo de governo de si, uma autoafirmação do sujeito a partir do momento que vai participando de um exercício de si para si. E será esse exercício constante direcionado a si mesmo que provocará uma prática de liberdade, visando ao espaço de poder entre todas as relações, buscando o bem dos outros e deixando à mostra o prazer do conhecimento que carregamos pela vida afora.

Vejamos nosso *corpus* de investigação, o vídeo intitulado *Sabedoria de Veterano*, cujos enunciados são constituídos pelas unidades discursivas do corpo em relação a outra forma do cuidado de si, outra forma de alteridade em relação aos vídeos anteriores. A propaganda se inicia com os personagens entrando em um vestiário. Usam uniforme, elemento que caracteriza a formação de um grupo e nos remete à disciplina constituinte ao esporte, na rigidez de suas regras, com técnicas e estratégias bem estabelecidas. Esse tipo de disciplina das práticas esportivas cria um efeito de visão energética do corpo, construindo um campo de força que acolhe corpos fortes, no vigor da juventude, marcados por músculos e flexibilidade. Diria que é uma ideia perfeita de autogoverno de si. Depois de findo o jogo, para a eliminação do que

consideramos como excesso e para demonstrar o cuidado que se tem de si para si, os personagens vão ao banho como um ritual de purificação para eliminar as impurezas produzidas pelos humores, que exalam fluídos e cheiros normalmente execrados na convivência do dia-a-dia, exceto no que se refere à erótica dos corpos. Digo isto, pois esta formação cria um efeito sexualizante não somente porque os corpos estão nus, mas pelo fato de deixarem transparecer, como rastros a serem investigados, pelos pubianos, contornos, tamanho e massas corporais.

O banho desses corpos erotizados tem um coadjuvante que rouba toda a cena: um sabonete, arma que ao mesmo tempo serve para eliminar a sujeira e mostrar o cuidado que se tem por si, tornando-se o objeto de temor quando cai no chão do banheiro. A memória coletiva de nossas imagens traz a intericonicidade que faz vir à baila um campo do discurso sexual e de dominação, lembrando-nos que aquele que pegasse o sabonete caído no chão estaria fadado à passividade do sexo por outro ou outros companheiros com os quais compartilha o banheiro do vestiário. Abaixar-se para pegar o sabonete deixaria à mostra a bunda, o que seria compreendido como um oferecimento, ecoando em uma aceitação. Quem pegaria, então, o sabonete? Quem aceitaria acionar a estratégia tabu de um concerto heterossexual compulsório e punitivo do sexo anal entre homens? A ordem discursiva do quadro disciplinar heterossexual parece precisar ser mantida por todos ali presentes. Nesse momento, a câmera focaliza vários rostos apreensivos, assustados, ameaçados e ameaçadores.

O corpo vigoroso e musculoso, aos poucos, dá lugar ao corpo que envelhece. A câmera focaliza três homens como se estivéssemos diante de fases da vida depois da juventude: a) um homem já careca; b) outro calvo na parte de cima da cabeça e com os braços bem menos musculosos que os esportistas focalizados no início do vídeo; c) até chegar a um homem velho, de ombros caídos e o peito murcho, em contraposição aos tórax bombados dos mais jovens. O mais idoso de todos é que resolve o problema. Tomando banho de chuteira, um homem prevenido (?), pega o sabonete com as agulhas que caracterizam esse tipo de sapato, trazendo o sabonete a sua mão. O personagem solta uma gargalhada. A risada do 'velho' contradiz a fragilidade de seu corpo, se comparado aos corpos estetizados que estavam em destaque, colocando o corpo amadurecido como lugar de memórias que trará um novo acontecimento: a valorização do corpo não mais considerado por seus atributos físicos, englobando, por outro lado, os aspectos que colocam ao corpo uma moral, não no sentido moralizante, mas de atributos que caracterizam um *modus vivendi*, baseado

no desejo de acolhimento do outro, apagando as relações de poder nas quais se deseja submeter seu 'adversário'. Uma prática de si que subleva estratégias dominantes e castradoras para focalizar o sujeito como força plástica criadora.

Resistências e liberdade do corpo

Temos, portanto, no cenário que configurei, a partir desse último vídeo, pelo menos três pontos que quero destacar: a questão do sexo como forma de controle, da velhice como prática libertadora, do investimento contra a morte.

Primeiro ponto: a posição em torno da sexualidade, como podemos construí-la a partir do enunciado observado, coloca em evidência o sexo como forma de controle, reafirmando seu tabu, sobretudo do sexo entre homens, e a possibilidade de um aspecto de prazer mantido em segredo sobre os desejos do sujeito. O sexo, assim, instaura novas formas de relações, de amor e de criação (FOUCAULT, 2001b). No caso do sabonete, que escapa das mãos e que espera alguém para pegá-lo, alia sexo e prazer. Isso revela uma sociedade que ainda não ultrapassou os limites do corpo para considerar seus prazeres, colocando o corpo como fonte para um único tipo de prazer, pois toma uma noção tradicional de prazer ligada aos prazeres físicos. Tais aspectos indicam a frustrante relação que se estabelece entre prazer sexual, interdição e liberdade.

Nessa esteira, o 'velho' da propaganda está autorizado a subverter as regras do jogo, pois por ter atingido a maturidade já não está mais sujeito à destemperança do sexo, sabe controlar seus desejos, mostrando domínio de si. A situação que esse sujeito combate é tomada, portanto, como resistência em relação a esse poder sobre o sexo, obrigando-nos a praticá-lo como ordem discursiva numa sociedade trabalhadora e sexualmente ativa. Dessa maneira, o corpo representado pelo 'velho' é fonte de uma possibilidade de prazeres, porque ultrapassa o binômio sexo/prazer e se reconhece como senhor de si na resistência aos próprios saberes sobre o sexo, que determinam aleatoriamente a identidade de seu povo. Para que haja criação é preciso, segundo Foucault (2001b, p. 1557), uma "dessexualização do prazer", da qual o 'velho' no vídeo parece compartilhar.

Segundo ponto: o enunciado todo coloca em questão o "valor ambíguo ou limitado da velhice" (FOUCAULT, 2004, p. 134). Ao mesmo tempo que ficar velho pode significar ser mais fraco, ter inabilidade de ser ativo, depender dos outros, o discurso que se produz ali é o de sabedoria (justificando-se o título do vídeo no *youtube*), experiência adquirida e cuidado não somente com si, mas para com os outros. Temos aqui um tipo de cuidado de si para si que se sonha e se preocupa com

o outro, segundo Foucault (2001c), escapando à técnica de si que busca um autogoverno para liderar o outro. O sujeito velho que se constitui no enunciado em questão, se ocupa tanto de si a ponto de saber seus deveres em relação ao outro e ao grupo ao qual pertence naquele momento.

O velho, dessa maneira, se torna lugar de tranquilidade, um porto seguro. Isso coloca-nos diante da questão de que caminhar para a velhice seja uma tendência, o desejo de um anseio, diferentemente de ser objeto de resignação ou de afronta. Sob esta ótica, para Foucault, isto não quer dizer que devemos desejar ficar velhos, mas que devemos nos preparar para ficar velhos, porque mesmo sendo jovens devemos nos direcionar ao desapego e à completude, como se fôssemos alguém que já tivesse chegado à velhice. Nesse sentido, ser velho não caracteriza apenas uma ordem cronológica no tempo, nos remete, ao contrário, a uma volta a nós mesmos.

Terceiro ponto: como em cascata, a ideia de viver a vida plenamente antes de atingir o seu fim procura colocar o homem feito sujeito de sua saciedade, ao mesmo tempo completa e perfeita. A organização para viver como um velho, aquele que conhece e domina seus prazeres e paixões, nos leva diretamente a um tabu ainda maior do que o sexo, o tabu da morte (FOUCAULT, 2000b; MILANEZ, 2004). A morte seria, nesse sentido, a própria realização da finitude que nós, sujeitos contemporâneos, denegamos tão fortemente, utilizando técnicas de autocontrole veiculadas pela clínica, desde um creme para rugas até a cirurgia plástica estética ou mesmo a pseudociência midiática nas reportagens de revistas que reproduzem dietas e ginásticas, ensinando-nos como ocupar-nos com nossos corpos. Enfim, um mecanismo pedagógico sutil para possibilitar o prolongamento de nossas vidas.

Essa ânsia pelo desejo da vida até sua última gota reveste, assim, a morte do gozo total por uma prática ideal de si. A mesma ânsia levanta o medo da morte, buscando evitá-la a todo custo por meio de práticas de satisfação consigo próprio. Mais uma vez cito a risada do velho no vestiário ao pegar o sabonete, exemplo de satisfação por ter um conhecimento que não estava liberado aos outros mais jovens, fazendo-os viver o momento tensamente. A risada é, ainda, momento de liberação para uma situação desejada, porém recalçada pelos personagens, pois fugia à ordem pré-estabelecida. Por isso, o enunciado visual nos diz: 'dirija-se à velhice, viva como um velho e sua sabedoria'. Vivamos, então, nessa direção, como se estivéssemos vivendo sempre o nosso último dia: agora, não temendo a morte, porque 'hoje é proibido morrer', voltando as câmeras para o palco da imortalidade.

Prática de fim: entre coerções e liberdades

As reflexões que proponho, obviamente, podem ser realmente acompanhadas se ouvirmos o intrincamento de dois lugares discursivos, o deste texto como enunciado que tem à sua margem os vídeos do youtube. Ainda haverá o dia em que poderemos unir essas duas instâncias enunciativas em um mesmo espaço para o sujeito-leitor? Enquanto andamos nesta direção de universos discursivos heterotópicos, discutimos o sujeito da maneira como o apreendemos em nossa atualidade, burlando esquemas discursivos, suas/nossas lutas diárias para compreendermo-nos no interior de determinadas práticas discursivas.

As práticas de higiene moveram certo esboço e me deram um percurso para que eu pensasse a civilidade, as convenções sociais, enfim, o lugar da limpeza como movência na história. Sobretudo, busquei compor um breve e pequeno quadro de unidades discursivas que mostram como o corpo pode ser compreendido como formação de novos discursos, ou seja, acontecimentos discursivos, produzindo saberes ao constituir uma linha genealógica, mesmo que tênue, diante de nossos trabalhos científicos, destacando o corpo em suas relações de poder no âmbito da dominação, da resistência e de sua libertação, na medida em que chegamos ao cuidado de si, não somente direcionado a nós próprios, mas em relação ao outro.

E, ao finalizar meus apontamentos, reafirmo a posição de que o sujeito do qual temos falado em nossos trabalhos em Análise do Discurso, e do qual tanto escavo e busco escarafunchar nesse estudo, procura aliar um sujeito do presente com as transformações pelas quais estamos passando, se visualizarmos as quebras de fronteiras espacial-geográficas, espaciais discursivas, geográficas e os contornos de um corpo que vão montando não a história evidente aos olhos do corpo que temos, mas do corpo de um sujeito por vir. Que enunciados eles nos revelam, a que destino historicamente orientado estaremos fadados? Mistério? Acredito que não. Basta seguirmos as linhas das unidades e irregularidades que traçam os atalhos e nossas vontades de criar verdades para uma nova vida, não nos esquecendo de que quem cria a história são nossos leves, curtos ou largos passos no solo arqueológico traçado por nós mesmos, face à composição histórica que nos precedeu e nos dá possibilidades de criar estradas outras e múltiplas.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

CASTELO RÁ-TIM-BUM: lavar as mãos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=STkpkJWMIxs>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

COURTINE, J.; HAROCHE, C. **Histoire du visage**: exprimer et taire ses émotions (du XVI^e siècle au début du XIX^e siècle). Paris: Rivage, 1988.

COURTINE, J.; VIGARELLO, G. Identificar traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Ed.). **A História do corpo**: as mutações do olhar. Petrópolis: Vozes, 2006. v. 3, p. 341-361.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000b.

FOUCAULT, M. Usages des plaisirs et techniques de soi. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **DITS et écrits II, 1976-1978**. Paris: Quarto/Gallimard, 2001a. p. 1358-1380.

FOUCAULT, M. Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **DITS et Écrits II, 1976-1988**. Paris: Quarto/Gallimard, 2001b. p. 1554-1565.

FOUCAULT, M. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **DITS et Écrits II, 1976-1988**. Paris: Quarto/Gallimard, 2001c. p. 1527-1548.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MILANEZ, N. A disciplinaridade dos corpos em revista. In: NAVARRO-BARBOSA, P.; SARGENTINI, V. (Org.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 183-200.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (Ed.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 153-179.

MILANEZ, N. Toda vez que minto constroem verdades: sobre corpos e poderes. **Revista Linguagem - Estudos e Pesquisas**, v. 10-11, p. 167-180, 2007.

MON BIJOUX: Bombril. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SXw1TTXRipg>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

NIETZSCHE, **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e da desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

REVEL, J. **Foucault**. Conceitos essenciais. Trad. Nilton Milanez, Carlos Piovezani, Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

SABEDORIA de veterano. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JWaYmDX75mg>>. Acesso em: 13 dez. 2008.

VIGARELLO, G. **Le propre et le sale**. L'hygiène Du corps depuis le Moyen Age. Paris: Seuil, 1985.

Received on March 26, 2009.

Accepted on May 20, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.